

DIONISO EM CRETA — II *

Eudoro de Souza

- (1) O “manifesto” é de Hermann Usener, GÖTTERNAMEN, VERSUCH EINER LEHRE VON DER RELIGIÖSEN BEGRIFFSBILDUNG. 3ª es. Frankfurt, 1948 (1ª es. 1895), Prefácio da 1ª edição.
- (2) Ch. Daremberg/E. Saglio, DICTIONNAIRE DES ANTIQUITÉS GRÈQUES ET ROMAINES, Paris, 1877-1919; H. W. Roscher, AUSFÜHRLICHES LEXIKON DER GRIECHISCHEN UND ROMISCHEN MYTHOLOGIE, Leipzig, 1884-1937; Pauly-Wissowa-Kroll-Ziegler, REAL ENCYCLOPÄDIE DER KLASSISCHEN ALTERTUMSWISSENSCHAFT, Stuttgart, em curso de publicação desde 1893.
- (3) L. Preller/C. Robert, GRIECHISCHE MYTHOLOGIE-DIE GRIECHISCHE HELDENSAGE, Berlin, 1894-1920; Otto Gruppe, GRIECHISCHE MYTHOLOGIE UND RELIGIONSGESCHICHTE, München, 1906; L. R. Farnell, CULTS OF GREEK STATES, I-V, Oxford, 1896-1909; Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff, DER GLAUBE DER HELLENEN, I-II, Berl'n, 1926-1932 (2ª ed. Basel, 1956); Otto Kern, DIE RELIGION DER GRIECHEN, I-III, Berlin, 1926-1938; A. B. Cook, ZEUS, A STUDY IN ANCIENT RELIGION, I-III, Cambridge, 1914-40; Martin P.

* As presentes referências e aditamentos prendem-se ao artigo DIONISO EM CRETA — I, do professor Eudoro de Souza, publicado no número 5 desta revista.

Nilsson, GESCHICHTE RELIGION, I-II, München, 1941-50.

- (4) Carl Ottfried Müller, PROLEGOMENA ZU EINER WISSENSCHAFTLICHEN MYTHOLOGIE, Göttingen, 1825.
- (5) Sir J. G. Frazer, THE GOLDEN BOUGH, I-XII, 3ª ed. em dois volumes, é de 1890. Há uma edição abreviada em um volume, traduzida, em castelhano: LA RAMA DO RADA, México (Fondo de Cultura Económica), 3ª ed. 1956.
- (6) DER GLAUBE DER HELLENEN, ed. de Basiléia, vol. I pp. 8 ss.
- (7) Erwin Rohde, PSYCHUE, SEELINKULT UND UNSTERBLICHKEITSGLAUBE DER GRIECHEN, I-II; Tübingen, 1891-94 (10ª ed. 1925). Há uma edição abreviada, com importante introdução de Hans Eckstein (Leipzig, s/d. Kröners Taschenausgabe, vol. 61), que foi traduzida para castelhano e publicada pelo "Fondo de Cultura Económica" (México) e tradução francesa completa (Paris, Payot). — Edward B. Tylor, PRIMITIVE CULTURE; RESEARCHES INTO THE DEVELOPMENT OF MYTHOLOGY, PHILOSOPHY, RELIGION, ART AND CUSTOM, I-II, 1ª ed. London, 1871. Acrescenta-se que na escola histórico-etnológica também influíram poderosamente, pelo menos na Alemanha, as pesquisas de Wilhelm Mannhardt: WALDT- UND FELDKULTE, I-II, Berlin, 1875-1877, e sobretudo, MYTHOLOGISCHE FORSCHUNGEN, Strassburg-London, 1884.
- (8) A tese foi publicada pela primeira vez em 1924, em breve artigo, incluso no volume coletivo dedicado a J. Wackernagel, sob o título DER MYKENISCHE URSPRUNG DER GRIECHISCHEN MYTHOLOGIE (Cf. OPUSCULA SELECTA, vol. I, Lund, 1951, pp. 391-398), e, mais tarde, no VIII volume das *Sather Classical Lectures*, com o mesmo título: THE MYCENAEAN ORIGIN OF GREEK

MYTHOLOGY, Berkeley, Califórnia, 1932. A idéia surge do confronto entre os resultados da pesquisa mitográfica e das investigações arqueológicas. Com efeito, os grandes ciclos da lenda heróica, literariamente plasmados por Homero e os poetas do "Ciclo", e depois, no lirismo coral e na tragédia ática, encontram-se tradicionalmente ligados aos nomes de antiquíssimas cidades micênicas, verificando-se que a importância mítica dessas cidades, é, para usar um termo matemático, função crescente da sua importância arqueológica (MOGM, p. 28). O fato, copiosamente documentado, não surpreenderá a quem recorde a história da arqueologia, a partir de 1870, e as retumbantes descobertas de Schliemann: não há dúvida que ainda hoje, como ontem, na idade heróica da arqueologia pré-helênica, os mitos gregos servem de heurística para a exumação das grandes jazidas da Idade do Bronze, no Egeu.

- (9) Antes da edição definitiva (1932) de A ORIGEM MICÊNICA DA MITOLOGIA GREGA, Nilsson publicou em THE MINOAN-MYCENAEAN RELIGION AND ITS SURVIVAL IN GREEK RELIGION, Lund, 1927 (2ª ed. 1950), um volumoso repertório da arte minóica, descrevendo, classificando e interpretando as obras de arte que pudessem fundamentar alguma hipótese plausível acerca da religião de Creta. O livro constituía, por antecedência, o natural complemento da tese que em 1930 iria defender em Berkeley (cf. nota precedente). Efetivamente, se as conferências da Califórnia propugnavam a origem micênica da lenda heróica, este trabalho perseguia o escopo de demonstrar a origem minóica de algumas das principais figuras do panteão grego da época clássica. Não era difícil empreza, quanto ao Zeus Kretagênes e a divindades femininas como Antea e Ártemis; ainda subsistiam sérios motivos para duvidar, quanto à identificação de Hera, mas nenhum, no respeitante a divindades "menores", que a tradição mitográfica localizava no reino de Minos, nomeadamente, Ariadne, Dictina, Pasiphae e Britomartis. Entretanto, enalçando as pisadas de Nilsson ou, por vê-

zes, em manifesta atitude polêmica contra a sua cautelosa reserva, e já antes, contra a crítica “reacionária” da escola histórica-filológica, esforçaram-se Axel Persson (DER URSPRUNG DER ELEUSINISCHEN MYSTERIEN, *Archiv für Religionswissenschaft*, 1922, pp. 287 ss.) e Charles Picard (numerosos artigos, desde 1927; em especial: SUR LA PATRIE ET LES PEREGRINATIONS DE DEMETER, *Rev. des Et. Grecques*, 1927, pp. 336-369, e DIE GROSSE MUTTER VON KRETA BIS ELEUSIS, *Eranos-Jahrbuch*, 1938, pp. 91-119) por radicalizar em Creta o culto de Deméter. A partir de 1930, também o italiano Uberto Pestalozza e seus discípulos, testemunham eloqüentemente o irresistível fascínio que o *substrato mediterrâneo* exerce sobre a maioria dos filólogos e arqueólogos que se propõem inquirir as origens da religião grega. Verifique-se esta tendência, levada ao extremo, nas obras entusiásticas de Pestalozza: PAGINE DI RELIGIONE MEDITERRANEA, I-II, Milano, 1942-45, e RELIGIONE MEDITERRANEA, VECCHI E NUOVI STUDI, *ibid.* 1951. Este conceito de “substrato mediterrâneo” penetrara timidamente na arqueologia e na história das religiões clássicas, pela porta que Paul Kretschmer lhe abriu com a sua EINLEITUNG IN DIE GESCHICHTE DER GRIECHISCHEN SPRACHE, Göttingen, 1896; e, desde 1921, data em que o filósofo Ludwig Klages (cf. nota 75), na Alemanha, dá os primeiros passos no sentido da reabilitação de Bachofen, a doutrina do substrato encontra-se cada vez mais comprometida com a hipótese do *matriarcado*. Talvez seja excessiva e tendenciosa, a posição dos historiadores e teorizadores da religião grega, que, como Pestalozza, vêm projetar-se sobre toda a área do Mediterrâneo Oriental a sombra agigantada de uma *Senhora das Feras*, divindade única, cujos aspectos múltiplos e vários teriam povoado os templos gregos e orientais, de deusas-mães, altaneiras e ubérrimas, e de deusas-virgens, intimoratas e indômitas. Mas o certo é que, entre as duas guerras mundiais, a arqueologia colheu no Alto e Médio Eufrates, copiosa documen-

tação para uma tese que se nos afigura bem pouco vulnerável aos ataques da crítica e da hipercritica (v. pp. 4 e 5, e nota 16). — A obra de Johann Jakob Bachofen (1815-1887) é hoje acessível, pelo menos aos especialistas, na soberba edição de Basileia (em curso desde 1943) em que colaboram helenistas de renome, tais como Olof Gigon, Ernst Howald, Karl Schefold e Peter Von der Mühl. O juízo dos nossos contemporâneos sobre o seu valor vem excelentemente formulado por F. Wieacker, na recensão dos seis primeiros volumes, publicada pela revista *Gnomon* (vol. 28, 1956, pp. 161-173) e, especialmente, quanto à doutrina do matriarcado, por Karl Meuli, no posfácio da edição de Basileia (DAS MUTTERRECHT, vol. II, 1948, pp. 1079-1117), apurando-se, em resumo, que o “Mutterrecht” e a “Naturesymbolik”, antes valeriam como “mito romântico” do Século XIX, do que como pesquisa científica no campo da mitologia e das religiões antigas (cf. C. A. Bernoulli, JOHANN JAKOB BACHOFEN UND DAS NATURSYPHOL, Basel, 1924, e o prefácio de 300 páginas que Alfred Bäumler escreveu para a antologia de Manfred Schroeter, DER MYTHUS VON ORIENT UND OCCIDENT, München, 1926, nova ed. 1958). Todavia, cremos que ainda está por escrever o livro que ponha em plena luz da evidência o quanto devem, direta ou indiretamente, às sugestões do discutido professor de Basileia, filósofos, arqueólogos, psicólogos e filósofos, — para não falar de sociólogos — que não o citam ou só em transcurso aludem a alguma das suas páginas. Não estará presente, a metafísica erótica de Bachofen, por exemplo em DIE MITTELMEERISCHEN GRUNDLAGEN DER ANTIKEN KUNST, de Kaschnitz-Weinberg (Frankfurt, 1944), em RELIGION UND EROS, de Walter Schubart (3ª ed. München, 1952; 1ª 1944), e nos trabalhos de Pestalozza, acima mencionados?

- (10) A HISTORY OF GREEK RELIGION, Oxford, 1925, p. 10.
- (11) Diga-se de passagem que exemplares monumentais destas

sepulturas de cúpula, acham-se, não em Creta, mas na Argólida: o "Tesouro de Atreu" é a glória de Micenas, não de Cnosso!

- (12) A fórmula é de Kaschnitz-Weinberg, *DIE MITTELMEE-RISCHEN GRUNDLAGEN...* (v. nota precedente, no final), p. 39.
- (13) Na seqüela de Evans e Pendlebury, ainda hoje Schachermeyr defende a origem norte-africana (v. *DIE ÄLTESTE KULTUREN GRIECHENLANDS*, Stuttgart, 1955, pp. 219 ss.). Aliás, tal solução é a que, entre os pesquisadores responsáveis, reúne maior número de sufrágios, pois os antecedentes líbicos e egípcios são, do ponto de vista morfológico, outras tantas espécies dentro do gênero megalítico, e a idéia que está na origem do *thólos* não difere essencialmente da que promoveu a construção desses típicos monumentos do período Neolítico, dispersos por todo o Mediterrâneo, da Península Ibérica até ao Oriente Próximo. Houve até quem aventurasse a hipótese que os mesmos portadores da cultura micênica proviessem, em última análise, da Lusitânia, por tão natural que parece a seqüência das formas, desde as mais rudes e primitivas, nas costas atlânticas da Ibéria, até às mais perfeitas e evoluídas, no litoral mediterrâneo da Argólida (v. D. J. Wölfel, *DIE RELIGION DES VORINDOGERMANISCHEN EUROPA*, no 1º vol., pp. 131-539, de König - editor -, *CHRISTUS UND DIE RELIGIONEN DER ERDE*, Freiburg 1951). E' claro, todavia, que pouca verossimilhança caberá a uma teoria difusionista, argumentada pela consideração de um único elemento cultural. De resto, a maioria dos arqueólogos, ainda que a opinião seja discutível, concorda em fixar no Oriente os primeiros rudimentos da cultura megalítica.
- (14) E' o título de um interessante opúsculo de Malowan: *TWENTY-FIVE YEARS OF MESOPOTAMIAN DISCOVERY*, London, 1956.

- (15) *INDISCHE FRÜHKULTUREN UND IHRE BEZIEHUNGEN ZUM WESTEN*, Basel, 1944 (cf. nota a seguir).
- (16) Vale a pena insistir neste ponto, relevando mais alguns fatos estabelecidos e lembrando as teorias propostas. Foi Anton Moortgat (*DIE ENTSTEHUNG DER SUMERISCHEN HOCHKULTUR*, *Der Alte Orient*, vol. 43, 1945) quem pela primeira vez chamou a atenção para a diversidade fundamental dos temas ornamentais nas cerâmicas de Halâf e de Samarra. Na primeira domina a simbologia agrária, — ídolos femininos, lábrys, bucrânio e cruz de malta; na segunda prevalece a simbologia da caça e da pesca, e, em Sialk, na época de Samarra, verifica-se que não há vestígios de figurinhas de argila do tipo deusa-mãe. O sábio orientalista designou por "Povos da Montanha" (*Bergvölker*) os portadores da cultura de Halâf, opondo-os, assim, aos povos da planície, que seriam os futuros representantes da cultura de Obeid, talvez os Sumerianos da história. Conclusões semelhantes, quanto à diversidade das duas culturas calcólicas do Oriente Médio, extraiu Parrot (A. Parrot, *ARCHÉOLOGIE MESOPOTAMIËNE*, vol. II, 1953, pp. 136 ss.) da temática e da sintaxe ornamental da cerâmica e de outros monumentos, e lembra como alguns temas de Halâf-Arpatchiah, como o touro e a lábrys, ainda se encontram associados, em épocas históricas, na figuração do Teshub hurrítico-hitita e do Júpiter Dolichenus, ambos de pé, sobre um touro, brandindo a bipene. Mas, ao que nos parece, a nota mais importante que o ilustre escavador de Mâri registrou nesta página da arqueologia mediterrânea (*sensu lato*) é a que diz respeito ao trânsito da cultura de Halâf para a cultura de Obeid, quando afirma (*op. cit.* p. 184) que o naturalismo de Halâf é banido de Obeid "com um rigor que não pode ser fortuito". Desapareceram, por esse tempo, o bucrânio e o *thólos*, e se o templo que, pela primeira vez no Mundo Antigo, aparece em Obeid, é construído à imagem da habitação, "é porque explicitamente se reconhece que a divindade pode e deve residir entre os homens e, como eles, carece de um asilo e de um teto" (*ibid.* p.

201). Esta observação a propósito do gênio arquitetônico da gente de Obeid é tanto mais importante, quanto é certo que, em Halâf, ainda não há testemunho da existência de templos expressamente edificadas com o intuito de abrigar a estátua da divindade (que, aliás, não existe nessa cultura), e ainda se reveste de mais impressionante significado, se nos lembrarmos *que o mesmo acontece em Creta e na Grécia pré-helênica, onde as cerimônias do culto decorrem em lugares sacralizados pelas hierofanias naturalísticas* (montanhas, grutas, bosques, rios etc.) ou em capelas palaciais, sem nítida separação do sagrado e do profano. — Na obra de Heinz Mode (cf. nota precedente) que converge na verificação dos mesmos fatos, relevemos a seríssima advertência dêste arqueólogo acêrca dos equívocos que resultam, quando se pretende resolver o problema das origens orientais da cultura minóica, comparando, pura e simplesmente, a arte de Creta com a arte da Mesopotâmia pós-sumeriana. Com efeito, e como indicamos acima, no Oriente Médio não existe uma região apenas, da chamada *Buntkeramik* (cerâmica pintada); mas de entre as que existem, só uma lembra a futura arte sumer, — é a de Susa e Persépolis, onde se acham prefiguradas a tectônica e a posição antitética que formalmente caracterizam aquela arte. Ora a tradição de Susa e Persépolis é que “esclarece a transformação peculiar que a cultura de Halâf havia de sofrer no sul da Mesopotâmia, por ação de Sumer” (K. Schefold, *ORIENT, HELLAS, UND ROM IN DER ARCHAEOLOGISCHEN FORSCHUNG SEIT 1939*, Bern, 1949, p. 34). O cilindro-sêlo e a composição heráldica nascem do sentido tectônico e monumental que falta, tanto em Halâf, como em Creta. A mesma relação contraditória, a mesma oposição radical, existe, entre os edifícios circulares (*thólos*) da cultura de Halâf e os edifícios retangulares dos Sumerianos (*zikkurat*). Só mais tarde, muito mais tarde, Creta importará da Mesopotâmia certos temas e algumas normas sintáticas da sigilografia, normas que, evidentemente não criou, — haja em vista a feição não-tectônica da sua

arquitetura. Em Creta, como em Halâf, o que originalmente se expressa, “é uma concepção da vida em sua mobilidade” e, por sua vez, esta concepção se nos revela “na especial inclinação para a dança, sem o caráter frontal e monumental, que distinguem a Mesopotâmia e o Egito” (Schefold, *op. cit.* p. 36). É claro que a referida transformação da cultura de Halâf, por obra da cultura de Obeid, que se lhe sobrepõe, merece confronto com a transformação que, no mundo creto-micênico, virá a sofrer a cultura minóica, em consequência do domínio Aqueu.

- (17) Cf. p. 11.
- (18) As excavações de Beicesultan, situada no curso superior do Meandro, pela latitude de Éfeso, estão a cargo da Escola Inglesa de Ankara, sob a direção de Seton Lloyd. Até 1956 (cf. Schachermeyr, *DIE ÄGÄISCHE FRÜHZEIT, Anzeiger für die Altertumswissenschaft*, vol. 10, 1957, p. 112) os trabalhos tinham atingido os últimos estratos do Bronze e verificava-se que, na planta do palácio, o pátio interno mais sugeria Cnosso, do que Hattush, centro de irradiação da cultura hitita, muito mais próximo do que a ilha de Creta. A história do palácio de Beicesultan parece começar no princípio do II milênio, e termina, certamente, com a sua destruição pelos “Povos do Mar” (v. nota 72). Apreciando os relatórios preliminares, aponta Ch. Picard (*Rev. Archeol.* 1958, p. 105 ss.) a existência de uma sala que teria desempenhado a função de santuário (cf. as “capelas de Cnosso!”), onde se erguiam “duas estelas munidas de receptáculos, que mostravam uma adjução intermediária, provida de cornos”; no Vº nível (Bronze Médio), verifica-se a presença de pórticos com colunas de madeira e uma câmara (“sala pintada”) ornamentada com frisos policromos, que lembram Mália. — As excavações de Alalach (Tell Atchana) são universalmente conhecidas pela edição popular (Penguin Books) de *UM REINO ESQUECIDO*, escrito por Sir Leonard Wooley com a viva paixão do descobridor, que vê, ou julga ver, confirmada pelas ruínas de uma cidade exata-

mente situada no caminho das caravanas que, durante toda a Idade do Bronze, iam e vinham do Mediterrâneo ao Eufrates e do Eufrates ao Mediterrâneo, a sua inabalável convicção de que, na Mesopotâmia, se devem procurar os antecedentes da arte minóica. Não nos move a intenção de decidir, nem mesmo a de opinar, se a descoberta prova ou não prova a tese de Wooley; mas, que são evidentes as relações formais entre os palácios de Alalach e Cnosso, não é possível duvidar. Em ambos, as paredes com madeiramento interno se erguem sobre blocos de pedra; em ambos se nos deparam colunas de madeira com base de pedra, em forma de placas circulares, esgotos, múltiplos pavimentos sobrepostos, afrescos representando arbustos movidos pelo vento, em côres claras sobre fundo escuro. Todos estes elementos comparecem ao nível VII^o de Alalach, que Wooley data de 1780-1750 (demasiado alto, talvez, pois sendo contemporâneo de Hammurábi, deveria situar-se entre 1704 e 1662), mas todos eles teriam pressupostos locais, ao passo que os de Cnosso aparecem súbitamente no Minóico Médio. Schachermeyer (*Anzeiger*... pp. 116-117) objeta que, sendo certo que o palácio de Alalach data, o mais tarde, de 1780-1750, não menos certo é que, salvo os motivos vegetais, as inovações arquitetônicas e plásticas de Creta também têm antecedentes locais, que ascendem a 2000 a. C. A solução do problema parece, portanto, exigir ulteriores documentos, ou, pelo menos, maior segurança nas datas propostas.

- (19) J. W. Graham, *American Journal of Archaeology*, 1957, p. 255 ss. Os argumentos de Graham são os seguintes: 1^o) Preliminar é o fato de até hoje não se haver encontrado qualquer vestígio de uma localização excêntrica, isto é, sinais de barreiras erguidas *ad hoc*, como o supunha Evans, nas imediações do Palácio. 2^o) Depois, acontece o que referimos: em Cnosso, Festo e Mália, o pátio central, ainda que as mesmas não sejam as dimensões dos palácios, tem aproximadamente dimensões iguais — Cnosso: 52 x 24 m.; Festo: 51 x 23 m.; Mália: 48 x 32 m., em média, as proporções 2,25: 1, o que sugere algo se-

melhante à extensão regulamentar dos atuais campos de jogos. Além disso, nos três edifícios, o eixo maior do pátio coincide com direção NS. 3^o) Muitas representações plásticas (sigilos, marfins) de tauromaquias, estão associadas com um "fundo" arquitetural, inconfundível com uma simples paliçada. 4^o) No palácio de Mália, do lado oriental do pátio, corre um pórtico de 24 m. de comprimento por 3 de largura, cuja frontaria é constituída por uma série alternada de pilares e colunas. Pois bem, a intervalos regulares, entre cada binário pilastra-coluna, observam-se, no solo, três orifícios que poderiam destinar-se a receber postes verticais, de modo a erguer uma barreira entre as mencionadas peças arquitetônicas. A distância entre postes seria bastante para dar livre passagem a uma criança ou a um adulto de pequena estatura, nunca, porém, a um animal de grande porte. Um fragmento de pintura mural, de Cnosso, em que figura uma mulher de pé, atrás de uma barreira composta de postes verticais, ligados por travessas horizontais (que, na hipótese, iriam ligar, de um lado a uma coluna, e de outro, a uma pilastra) torna mais verossímil esta interpretação do material arqueológico e ilustra o dispositivo de Mália. Vestígios semelhantes mais ou menos definidos, mais ou menos completos, se acham, não só em um ou outro lado do pátio do mesmo palácio, como no dos outros dois: Festo e Cnosso. 5^o) No ângulo NW do pátio central do palácio de Festo, depara-se-nos outro dispositivo, inexplicado até o presente: em paralelepípedos de pedra, levanta-se um bloco escalonado, de dois degraus, ou melhor, de um degrau alto que dá acesso a uma plataforma, situada a pouco mais de 1 m. do solo, com 2 m. de comprimento por 0,80 de largura. Sugere o autor do artigo em aprêço, que o touro seria aciado, ou "citado" até esse canto do pátio, onde, com as patas dianteiras apoiadas no degrau, facilitaria, sem querer, o famoso salto do acrobata, que o esperava na plataforma superior. A cena imaginada, representa-se claramente na "Gema de Priene" (v. Matz, *Le Monde Égéen*, Lam. 53, parte supe-

rior, ao centro), que comumente se interpreta como "um touro bebendo em um tanque de água". Acresce que a mesma ornamentação da parte lateral do "tanque" (na "Gema de Priene) ocorre em dois nichos simetricamente situados em relação à porta axial da fachada norte do mesmo palácio. 6º) Dentro do palácio, a NW, encontra-se uma grande sala que comunica, de um lado com o pátio, e do outro, oposto, com um corredor, para o qual abrem pequenos compartimentos que bem poderiam ter servido de estábulos provisórios até o momento da "corrida" (cf. também a nota 23).

(20) Ch. Picard, *Rev. Archéol.*, 1958, pp. 89-90.

(21) Id., *LES RELIGIONS PRÉHELLENIQUES*, Paris, 1948, p. 81.

(22) Vaso de Salamis (Chipre), v. Nilsson, *MINOAN-MYCE-NAEAN RELIGION*, fig. 70, p. 109; Larnax de Palai-kastro, *ibid.* fig. 71, p. 170.

(23) Como o pórtico setentrional de Cnosso, que conduz ao pátio central, era decorado, logo de entrada, em ambos os lados e à altura do primeiro piso, com cenas de captura e domesticação do "touro sagrado", semelhantes às do Vaso de Vapheio (v. Matz, *op. cit.*, nota 19, a lam. 64 e 65), poderíamos aventurar a hipótese de que esse "ato primeiro" fôsse uma estilização da *kathápis*. A referência às pinturas do pórtico, devemos-la a Ch. Picard, que, na recensão do artigo de Graham, (cf. nota 20), aduz mais este indício a favor da hipótese.

(24) Eur. frag. 475 Nauck ap. Porph. *de abstinentia* IV 19. Firmicus Maternus *de errore profanarum religionum* ed. K. Ziegler (München, 1953) cap. IV, p. 47. Cf comentários em J. E. Harrison *PROLEGOMENA TO THE STUDY OF GREEK RELIGION*, 1ª ed. Cambridge, 1903, cap. X; W. K. C. Guthrie, *ORPHEUS AND GREEK RELIGION*, 2ª ed. London, 1952, cap. IV pp. 111 ss.;

id. *THE GREEKS AND THEIR GODS*, 2ª ed., London, 1954, cap. II pp. 45 ss.; H. Jeanmaire, *DIONYSOS, HISTOIRE DU CULTE DE BACCHUS*, Paris, 1951, pp. 372 ss.

(25) Consulte-se, por exemplo, Martin P. Nilsson, *GESCHICHTE DER GRIECHISCHEN RELIGION*, I vol., München, 1941, pp. 532 ss.

(26) V. Erwin Rohde, *PSYCHE* (v. nota 7), vol. II pp. 1 e ss.: *Der thrakische Dionysosdienst*; F. M. Cornford, *PRINCIPIUM SAPIENTIAE*, Cambridge, 1952, cap. VI, pp. 88 ss., e sobretudo, E. R. Dodds, *THE GREEKS AND THE IRRATIONAL* (*Sather Classical Lectures*, vol. 25) Berkeley, Califórnia, 1951 cap. V, pp. 135 ss.

(27) Entre 2000 e 1900 a. C. (começo do Heládico Médio) é a data hoje quase unânimemente atribuída às primeiras migrações indo-européias (gregos!) para o sul da península balcânica. No entanto, as escavações de Beicesultan (cf. nota 18) parecem alterar sensivelmente o acôrdo entre os arqueólogos, e tanto no que se refere à data estabelecida, quanto (o que é mais importante, do ponto de vista em que nos colocamos, neste estudo) no que concerne ao sentido e ao ponto de partida da migração. Com efeito, a confirmar-se o bom fundamento das novas hipóteses de trabalho, o primeiro contato dos gregos (Aqueus) com o Oriente, ascenderia a época bem mais recuada do que a Micênica. A questão põe-se nos termos seguintes. A cerâmica *mínia*, fóssil típico do Heládico Médio, ou seja, do II período da Idade do Bronze, em que se situam as primeiras migrações de tribos gregas para o Egeu, propõe ao arqueólogo difíceis problemas. O primeiro é, talvez, o da sua distribuição geográfica. Com efeito, se o imigrante grego é o portador da cerâmica *mínia* e esta não se encontra senão do centro para o sul da Grécia, cabe perguntar que obstáculo se oporia ao estabelecimento dos Gregos nas férteis planícies da Tessália. Nenhuma hipótese plausível e concordante com a evidência

de outros dados arqueológicos respondeu satisfatoriamente a tal pergunta. Até há pouco, o mais que se poderia dizer da cerâmica minia, é que "o estado atual da ciência inclina a pensar que se trata de formas européias primitivas, e não, oriundas do Oriente Próximo" (Matz, LE MONDE ÉGÉEN, p. 102). Esta cerâmica, todavia, está bem representada no inventário de Tróia VI, e, de certo, não se poderia atribuir à importação de além-mar todos os exemplares de fragmentos inventariados pelos escavadores de Hissarlik. Os resultados das pesquisas de Blegen em Tróia (1932-1938), que já passaram ao domínio público, mostram que, na verdade, o povo de Tróia VI se relaciona culturalmente com os Gregos do Heládico Médio, e que a cerâmica minia, do gênero cinza é um dos traços comuns mais característicos de ambas as culturas. A solução do problema estaria, pois, na idêntica origem de ambos, a sudeste da Europa, antes que divergissem, uns na direção dos Balcãs, e outros na da Anatólia. Em todo o caso, o movimento teria tido lugar, por volta de 2000 a. C. Mas ainda restava explicar *por que não se deteriam os Gregos na Macedônia e na Tessália*. Assim se afigurava o problema da cerâmica minia e das migrações gregas do Bronze Médio, quando a missão inglesa na Turquia, explorando os estratos do Bronze, em Beicesultan, descobriu a variedade que denominou de *proto-minia*. Comunica J. Melaart, colaborador de Seton Lloyd, em substancioso artigo do *American Journal of Archaeology* (v. 62, 1958, p. 9 ss.), que no "proto-mínio" de Beicesultan estaria a chave do enigma. Em primeiro lugar, sendo este o pressuposto local da cerâmica minia, na Ásia Menor se situaria o seu foco originário, ou, pelo menos, o seu mais próximo intermediário; em segundo lugar, que, coincidindo a área de distribuição da mesma cerâmica, com a área de distribuição dos monumentos *luvitas*, a qual, diga-se de passagem, também coincidiria com a mais antiga área de dispersão dos topônimos em *-a(s)-* e *-nt(h)-*, por meados do terceiro milênio, é que os indo-europeus, portadores da tradição "minia", teriam

descido dos Balcãs, mas para se estabelecerem, primeiramente, na Anatólia. A data, tão alta, resulta da presença de vocábulos indo-europeus (que seriam *luvitas*), nas "tabletas capadócias" (Canesh). Os movimentos de povos, em 2000 ou 1900, para o Helesponto (Tróia VI) e para a Grécia (Heládico Médio), seriam conseqüência do impulso da invasão hitita; e a passagem pelo mar, através do Egeu, explicaria satisfatoriamente a ocupação da Grécia, do centro para o sul, e, por conseguinte, a ausência de depósitos do Heládico Médio, no norte (Tessália e Macedônia). Fundamento desta última hipótese é o grande número de importantes localidades anatólicas destruídas pelo fogo e abandonadas, mais notável sendo o fato de os distúrbios se verificarem, precisamente, ao longo da via principal do Cáucaso para o norte do Egeu. Ora, do Cáucaso é que, por esse tempo, os Iílititas chegaram ao seu habitat histórico, pois como Ferdinand Sommer já havia observado (HETHITER UND HETHITISCH, Stuttgart, 1947, cap. I), o *Hino ao Sol* descreve o astro divino emergindo do mar, — reminiscência do tempo em que eles viviam junto ao litoral oeste do Cáspio. A argumentação de Melaart é bastante densa e complicada, mas a tese é simples e riquíssima de sugestões, embora, como vimos, em grande parte abale os fundamentos de certas idéias universalmente aceitas, em matéria de arqueologia pré-helênica. Entre tais sugestões devemos assinalar a que arremeça para mais longe, no passado, as migrações indo-europeias, atenuando-lhes o caráter de subitaneidade a que nos induzem apressadas exposições dos inquéritos arqueológicos. Por exemplo, ainda há pouco, Wace, no prefácio a Ventris/Chadwick, DOCUMENTS IN MYCENAEAN GREEK (cf. nota 30), voltava a insurgir-se contra as "especulações" de Matz, quando este, baseado em considerações meramente "tipológicas", suspeitava da existência de indo-europeus, na Grécia, já no Heládico Antigo e, quem sabe, se no fim do Neolítico. O caso era, que alguns vestígios de "tektônica" intervinham timidamente na sintaxe ornamental de certos

tipos de cerâmica do H. A. (Matz, no HANDBUCH DER ARCHAEOLOGIE, fasc. IV, 1950, pp. 203 ss.). Pois bem, no artigo de Melaart encontramos uma indicação. *decorrente da estratigrafia*, de que, ao expandir-se a cultura de Gumelnitza, em meados do III milênio, para o sul e através dos Balcãs, até o leste da Bulgária e o oeste da Calcídica, é a cultura de Rachmani que vem instalar-se ao norte da Tessália, enquanto os primeiros elementos indo-europeus, passando por Tróia I, vão ocupar o oeste da Anatólia, *não se excluindo, todavia, a possibilidade de, no mesmo movimento migratório de Rachmani, estarem incluídos também os primeiros elementos "gregos" da própria Grécia.*

- (28) THE GREEKS AND THEIR GODS (cf. nota 24) p. 172, na tr. francesa (Payot), p. 194.
- (29) M. Ventris/J. Chadwick, EDIVENCE FOR GREEK DIALECT IN THE MYCENAEAN GREEK, Cambridge, 1956, p. 127.
- (30) T.B.L. Webster, FROM MYCENAE TO HOMER, London, 1958, p. 49.
- (31) Plut. Quaest. gr. 36, p. 299 B (Diehl, Anth. Lyr. II, 206)
- (32) A. W. Pickard-Cambridge, DITHYRAMB, TRAGEDY AND COMEDY, Oxford, 1927, p. 6. s.
- (33) K. Kerényi, DIONYSOS LE CRETOIS, Diogène, 20, 1957, pp. 3-27.
- (34) ORIGEM DA TRAGÉDIA.
- (35) PSYCHE, v. nota 7.
- (36) DIONYSOS, MYTHOS UND KULTUS, 3ª ed. Frankfurt, 1960 (1ª ed. 1933).
- (37) Op. cit. p. 26.

- (38) Gravura em bronze de Psychro e gema da gruta do Ida: Nilsson, MMR (cf. notas 9 e 22) fig. 72 (p. 171) e fig. 61 (p. 153).
- (39) Wolfgang Schadewalt, DIE HOMERISCHE GLEICHNISWELT UND DIE KRETISCH-MYKENISCHE KUNST, em VON HOMERS WELT UND WERK, 2ª ed. Stuttgart 1961 (1ª ed. 1943), pp. 130 ss.
- (40) Ch. Picard, LES ORIGINES DU POLYTHEISME HELLENIQUE, vol. I L'ART CRETO-MYCENIEN, Paris, 1930, Lam. XVI b, p. 117.
- (41) F. Matz, LE MONDE ÉGÉEN. TROIE CRÈTE MYCENES, tr. fr. Paris, 1956, Lam. 71 parte superior.
- (42) Ch. Picard, *ibid.* XIX p. 137.
- (43) *Ibid.* XVII a, p. 121.
- (44) F. Matz, *ibid.* Lam. 102, parte superior.
- (45) *Ibid.* Lam. 33.
- (46) Aldous Huxley, AS PORTAS DA PERCEPÇÃO. Tr. de O. de Araujo Souza, Rio 1957. Própriamente, a fórmula é de William Blake, no contexto da epígrafe que Huxley coloca no limiar do curioso ensaio sobre a sua experiência da mescalina. Em Huxley, a teoria do êxtase, natural ou provocado, é manifestamente bergsonista (p. 15) e referida à função "eliminativa e não produtiva" do cérebro, como órgão de inserção do espírito (memória e percepção) na ação interessada em alcançar fins úteis na prática. O entorpecente age, portanto, como eliminador da razão pragmática. Mas Huxley excede a gnoseologia de Bergson atribuindo à vontade um papelão negativo como o da "inteligência": "Embora o intelecto nada sofra e a percepção seja grandemente aumentada (sob a ação do entorpecente) a vontade experimenta uma gran-

de transformação para pior. O indivíduo que ingere mesalina não vê razão para fazer seja o que fôr, e considera profundamente injustificável a maioria das causas que, em circunstâncias normais, seriam suficientes para motivá-lo a agir. Elas não o preocuparão, pela simples razão de ter êle melhores coisas em que pensar" (p. 18). Esta observação que vale como resultado de uma experiência pessoal, sugere-nos uma possível relação entre as doutrinas de Bergson e de Klages. Como Huxley, também o filósofo alemão teve a coragem de publicar muitas páginas encomiásticas acêrca dos entorpecentes, como provocadores de êxtase (v., por exemplo, VOM KOSMOGONISCHEN EROS, 4ª ed. Jena, 1941, pp. 75 ss.). Mas, do filósofo francês ao filósofo alemão há esta diferença: enquanto, no primeiro, a vontade é positivamente valorizada como *esfôrço*, mediante o qual se transpõem as categorias da "lógica dos sólidos" para alcançar a percepção do movimento e dos fenômenos vitais, no segundo, o *esfôrço* voluntário é negativamente acentuado, como o principal agente da solidificação do *perpetuum mobile* que seria a própria substância da vida. Em verdade, neste, como em muitos outros aspectos, as duas grandes filosofias metabióticas ou supervitalistas do nosso tempo, conciliar-se-iam perfeitamente neste ponto, se considerássemos, por um lado, o "*esfôrço*" bergsonista por nos inserirmos na realidade vital, mais como uma *vontade de não querer os fins* úteis, do que, como *vontade de querer* seja o que fôr; e, por outro lado, se olhássemos o "espírito" klagesiano, "adversário da alma" (cf. o título da sua obra fundamental: DER GEIST ALS WIDERSACHER DER SEELE) simplesmente como inteligência e vontade pragmáticas. Em todo o caso, afigura-se-nos que na obra de Klages a descrição do estado de êxtase, como libertação do composto corpo-alma, das garras "vampirescas" do espírito (inteligência e vontade pragmáticas que deixam, em cada vivente humano, os sulcos indeléveis a que chamamos "personalidade"), se avanta enormemente à outra, que constitui o êxtase em libertação do espírito, do

cárcere corpóreo. Como se sabe, é êste o conceito comum e divulgado por Platão e o platonismo místico, com é o de tãda a mística cristã, — mística platônica, quando teoriza a sua experiência (Bergson). A não ser que, na realidade, as duas descrições sejam complementares... (sôbre L. Klages, v. ainda, a nota 74).

- (47) F. Matz, *op. cit.* Lam. 59.
- (48) Sp. Marinatos em *Gnomon*, vol. 32, 1960, pp. 648-9.
- (49) F. Matz, *op. cit.* Lam. 52, ao meio.
- (50) V. em especial as reproduções fotográficas na obra de Persson, citada na nota seguinte, e as que suplementam o primeiro volume da GESCHICHTE DER GRIECHISCHEN RELIGION, de Nilsson (cf. notas 3 e 25).
- (51) Axel W. Persson, THE RELIGION OF GREECE IN PREHISTORIC TIMES (*Sather Classical Lectures*, vol. 17), Berkeley, Califórnia, 1942, p. 123.
- (52) Cf. nota 9.
- (53) *Asinus Aureus* (Metamorfoses), XI, 5.
- (54) Sôbre a alegorese dos Antigos, a exposição mais completa é a de Felix Buffiere, LES MYTHES D'HOMÈRE ET LA PENSÉE GRÉCQUE, Paris, 1956.
- (55) O Poema de Baal e Anat foi recuperado pelas escavações de Ugarit (Ras Shamra), iniciadas por Claude F. A. Schaeffer em 1929. As versões mais recentes, em língua inglesa, encontram-se em Cyrus Gordon, UGARITIC LITERATURE, Roma, 1949 e A. Pritchard (editor), ANCIENT NEAR EASTERN TEXTS RELATING TO THE OLD TESTAMENT, 2ª ed., PRINCIPIUM SAPIENTIAE (v. nota 26) e Charles Virolleaud, DIE GROSSE GOTTIN IN BABYLONIEN; AEGYPTEN UND PHONIKIEN,

Parte II: ANAT - ASTARTE, *Eranos Jahrbuch* 1938, pp. 141 ss. Consulte-se também, René Dussaud, LA MYTHOLOGIE PHENICIENNE D'APRES LES TABLETTES DE RAS SHAMRA, *Revue d'Histoire des Religions*, vol. 104, 1931, pp. 353 ss. e LES DECOUVERTES DE RAS SHAMRA ET L'ANCIEN TESTAMENT, 2ª ed. Paris, 1941. Quanto à história de Ugarit e dos achados arqueológicos, v. C. F. A. Schaeffer, THE CUNEIFORM TEXTS OF RAS SHAMRA-UGARIT, Oxford, 1939. O resumo que segue, extraímos-lo de Cornford (v. *Supra*), pp. 250 ss. "A cerâmica pintada do IV milênio, na Síria, mostra um alto nível de civilização e está obviamente relacionada com o principal grupo da "cerâmica pintada" (*Buntkeramik*, cf. *supra*, nota 16). Esta cultura fazia parte das grandes civilizações do Alto Eufrates e da Mesopotâmia. Depois de um período de crescente influência da Mesopotâmia, os Cananeus semitas, que chegaram finalmente a dominar a Babilônia, emigraram para o norte, e, provavelmente, atingiram Ras Shamra. Ugarit tornou-se uma vez mais, não só um posto avançado da Mesopotâmia e um entreposto do comércio asiático, mas também o porto através do qual todas as mercadorias do Mediterrâneo penetraram na Ásia. No princípio do II milênio, Ugarit era uma cidade importante, com templos de Dagon, cujo filho, Baal ou Adad, deus da chuva e da trovoadas, ali tinha sido adorado, antes, pelos Hurritas, com o nome de Teshub. Agora começam a aparecer objetos de caráter distintamente europeu. O centro de difusão destes objetos reside provavelmente nos Balcãs e na região do Médio-Danúbio, donde eram trazidos por migrações e comércio, para Oeste até o vale do Reno, para Leste até ao Cáucaso, e para Sul até à costa síria. No II milênio Ugarit entra na esfera de influência do Egito... Ao mesmo tempo a talassocracia minóica ganha terreno em Ugarit, — modesta, comparada com o império do Egito, porém mais persistente. Os comerciantes de Creta tinham aberto seus armazéns em Ugarit... E' claro que Ras Shamra era um dos mais importantes centros comerciais de Creta, na Síria. Nos séculos XV e XIV, a segurança das vias

terrestres e marítimas permitiram grande desenvolvimento do comércio e conseqüente prosperidade. Sepulturas de cúpula (*thóloi*), de tipo cretense, produziram cerâmica do tipo Micênico Tardio (H. R. III), de Chipre ou de Rodas. A presença na cidade de muitos Egeanos e Micênicos, e entre estes, artistas de toda a casta: escultores, oleiros, bronzeiros, explica a evidente conexão entre os seus trabalhos e os de suas terras de origem... Que estas relações não se limitaram a simples troca de bens materiais, é o que nos revela a biblioteca do rei Nigmed. Durante o seu reinado, por meados do II milênio, existia (em Ugarit) um colégio de sacerdotes eruditos, em que as obras poéticas e os mitos dos antigos Cananeus ou Proto-fenícios eram arquivados em tabletas de argila e guardadas na biblioteca... Anexa (à biblioteca) havia uma escola de escribas que copiavam manuscritos e aprendiam as letras sagradas. A escrita é cuneiforme, mas em sistema alfabético, que é o mais antigo que se conhece. Uma vez decifrada, verificou-se que se tratava de um dialeto semítico; a maioria dos textos, (que) já foi publicada, ilumina com luz deslumbrante a origem dos Fenícios, de seus mitos e lendas ancestrais... A biblioteca mostra a cuidadosa provisão que foi feita, do intercâmbio cultural entre as nações representadas em Ugarit. Algumas salas continham só dicionários e léxicos. Um destes, fornece os equivalentes babilônicos de palavras sumerianas, pois o sumeriano era já uma língua morta e o babilônico era a língua diplomática, usada pelos reis da Mesopotâmia, Ásia Menor, Síria e Egito, na correspondência oficial... Também há um dicionário, dando os equivalentes de palavras sumerianas em uma língua desconhecida. Assim, com o Proto-fenício, ou Cananita, dos textos alfabéticos, quatro idiomas eram conhecidos na escola dos escribas. Acrescentando as inscrições em hieróglifos egípcios, em hitita e cipriota, vemos que nada menos que sete línguas diferentes corriam na Ugarit do II milênio a.C. Nada indicaria melhor o caráter cosmopolita dos habitantes deste autêntico porto internacional de Ugarit. A luz destes fatos parece

irrazoável duvidar que mitos e lendas da Mesopotâmia, Egito e Síria, tivessem achado caminho para Creta, muito antes da queda de "Cnosso". Ainda a propósito das descobertas de Ugarit, só temos de aduzir ao quadro descrito por Cornford, que a crítica dos textos recuperados encerra uma instrutiva lição, quanto ao exercício dos métodos filológicos. Ei-la. Antes das escavações de Ras Shamra, a genealogia daquelas divindades semíticas — Baal e Anat — já era conhecida em suas linhas gerais. Efetivamente, na *Praeparatio Evangelica*, citava Eusébio de Cesaréia longos fragmentos de uma obra de Herênio Filão, de Biblos; e este, por sua vez, declarava ter haurido as informações que transmitia à posteridade, a um tal Sanchuniaton, que vivera em determinada época, muito anterior à sua. Ora, como se pode verificar, o tempo em que teria vivido Sanchuniaton, se existiu, coincide aproximadamente com o da redação do nosso texto ugarítico. Tratava-se, como escrevemos, da genealogia dos deuses fenícios. Mas como parecia, esta, decalcada sobre a teogonia hesiódica, recusou-se a crítica moderna a aceitar que alguma veracidade coubesse às referências de Herênio. Os trabalhos arqueológicos de Ras Shamra tinham, forçosamente, de modificar o juízo dos filólogos "clássicos": se é certo que a obra de Herênio não pode ser considerada como tradução literal do texto cananita, mais antigo — de Sanchuniaton ou outro que tenha sido o seu autor — nem por isso deixa de se verificar que é livre versão de textos afins àqueles que hoje conhecemos. De inédito, na obra de Herênio, é só a *interpretatio graeca* (Filão, como todos os demais historiadores e mitógrafos, dá nomes gregos aos deuses fenícios) e a tendência evemerística, semelhante à que se nos depara na "Arqueologia" de Diodoro da Sicília e em outros escritos mitográficos do fim da Antigüidade (cf. O. Eissfeldt, *TAAUTOS UND SANCHUNJATON*, e Dussaud, *LES TEXTES DE RAS SHAMRA*). Lição para o futuro é, pois, que não devemos desprezar uma tradição sem que haja provas definitivas da sua falsidade.

- (56) "In summary... we are given a vegetation cycle which is divided into the various seasons of the year, each with its special rites, private cult practices, and large festivals; and this picture will be strengthened and more sharply defined if we view the cycle in the light of similar religious practices from neighboring culture areas". Persson, *op. cit.* p. 100.
- (57) Axel Persson, *op. cit.* (notas 51 e 56) pág. 123.
- (58) Por exemplo, a de Nilsson, na 2ª ed. (1950) de M. M. R. (v. nota 9), cap. VIII, especialmente no final, p. 288.
- (59) V. *supra*, nota 55.
- (60) Indício de que Perséfone e Innin-Ishtar são protagonistas do drama da paixão, é a *catábasis* (descida aos infernos) que ambas as deusas empreendem (ou sofrem?) nos mitos bem conhecidos. Quanto a Perséfone, consulte-se a vasta bibliografia dos Mistérios de Eleusis, em primeiro lugar o *Hino* (Homérico) a *Deméter*: T. W. Allen, W. R. Halliday, E. F. Sikes, *THE HOMERIC HYMNS*, 2ª ed. Oxford, 1936, pp. 2-20, e comentário nas pp. 108-183; e quanto a Innin-Ishtar, *ANCIENT NEAR EASTERN TEXTS* (cf. nota 55) e G. Conteneau, *LE DELUGE BABYLONIEN*, Paris, 1952.
- (61) Quanto à religião do "Deus Supremo" (Teísmo Primitivo): Pe. Wilhelm Schmidt, *DER URSPRUNG DER GOTTESIDEE*, I-IX, Münster, 1912-1949 (1º vol. 2ª ed. 1926). Órgão da Escola de Viena é a revista *Anthropos*, publicada em Freiburg (Suíça). Resumo de fatos e teoria: Pe. Wilhelm Koppers, *DER ALTESTE MENSCH UND SEINE RELIGION*, e Pe. Paul Schebesta, *DIE RELIGIONEN DER PRIMITIVEN*, ambos in 1º vol. de *CHRISTUS UND DIE RELIGIONEN DER ERDE* (v. nota 13), pp. 115-160 e 545-578; Pe. Wilhelm Schmidt, *DIE URKULTUREN: ALTERE JAGD-UND*

SAMMELSTUFE, em HISTORIA MUNDI, vol. I, Bern, 1962, pp. 375-501. Excelente, talvez inultrapassado como síntese, é Pe. Joseph Goetz, S. J., LES RELIGIONS DES PRIMITIFS, no vol. 140 da coleção "Je sais-Je croi", Paris, 1958. Ver também o cap. II (com bibliografia exaustiva até 1948) de Mircea Eliade, TRAITÉ D'HISTOIRE DES RELIGIONS, Paris, 1949. Quanto à religião "cosmobiológica": a documentação mitográfica da expedição Frobenius à ilha Ceram (Indonésia) foi publicada no volume de Ad. E. Jensen, HAINUWELE, Frankfurt, 1939, e a teoria, nas seguintes obras do mesmo autor: DAS RELIGIÖSE WELTBILD EINER FRÜHEN KULTUR, Stuttgart 1949 (cf. nota 64) e MYTHOS UND KULT BEI NATURVÖLKERN, Wiesbaden, 1951 (trad. fr., ed. Payot, MYTHES ET CULTES CHEZ LES PEUPLES PRIMITIFS, 1954), cap. IV, pp. 107 ss. (tr. fr., pp. 99 ss.). V. também o opúsculo de Goetz, acima citado. Órgão da Escola (fundada por Leo Frobenius) é a coleção de Studien zur Kulturkunde, publicados em Stuttgart (ed. August Schroeder).

(62) K. Kerényi, EINFÜHRUNG IN DAS WESEN DER MYTHOLOGIE (em colaboração com o psicólogo Carl Gustav Jung), Amsterdam-Leipzig, 1941, pp. 182 ss. (há trad. francesa deste livro, ed. pela Payot).

(63) Ad. E. Jensen, DAS RELIGIÖSE WELTBILD... (cf. nota 61) pp. 66 ss.

(64) Para não trair o pensamento de Jensen, que neste estudo desempenha tão importante papel, transcrevemos algumas passagens do sumário em inglês, apenso ao livro citado na nota precedente: "Everything that matters to the West Ceramese fits into the structure of a coherent world-view the fundamental features of which are recorded in a mythical primordial act. A female deity was the first one to suffer the fate of death, being murdered by men. As a consequence of her death, men, too, lost their original immortality and changed into mortal beings. At the same

time they became procreative and reproductive creatures. From the corps of the murdered goddess originated those edible plants on which men have been living since those days. The murdered deity is identical, on the one hand, with the moon, and, on the other, with the pig. The course of human life is by thousandfold threads linked with the fate suffered by the killed deity. This state of affairs is most clearly enacted in the puberty rites of the male youths. In what is a most vital remembrance of that primordial act, the initiates must once more suffer the first death, so that they may become reproductive human beings (p. 189)... The basic features of the world-view under discussion comprise death, killing, procreation and reproduction, moon, plant and fertility, all of these forming one inseparable unity... but... they must all be derived from one central idea about a murdered deity which by its death established the present order of existence in the world (190)... How did man arrive at those images of reality that are not immediately intelligible to us?... we may attempt to sum up the basic idea as follows: Man and all living creatures on earth must die. Biologically, death means the extinction of individual life. Procreation, however, leads life, beyond the scope of the individual human being, towards and eternal continuity. Neither of them, however, is conceivable without the other. They are therefore inseparably linked together". (192).

À cosmovisão dos plantadores primitivos, pertencem, evidentemente, as lendas brasileiras acêrca da mandioca. As duas que seguem são, a primeira, de origem Pareci, e a segunda, Tupi-Guarani: "Zatiamáre e sua mulher, Kôkôtêró, tiveram um casal de filhos: um menino, Kôkôîê, e uma menina, Atiôlô. O pai amava o filho e desprezava a filha. Se ela o chamava, êle lhe respondia por meio de asobios, nunca lhe dirigia a palavra. Desgostosa, Atiôlô pediu a sua mãe que a enterrasse viva, pois que assim seria útil aos seus. Depois de longa resistência ao estranho desejo, Kôkôtêró acabou cedendo aos rogos da filha e en-

terrou-a no meio do cerrado, onde ela não pôde resistir, por causa do calor; rogou que a levasse para o campo, onde também não se sentiu bem. Mais uma vez suplicou a Kôkôtêró que a mudasse para outra cova aberta na mata; e aí achou-se à vontade. Então pediu a sua mãe que se retirasse, recomendando-lhe que não volvesse os olhos quando ela gritasse. Depois de muito tempo, gritou; Kôkôtêró voltou-se rapidamente. Viu, no lugar em que enterrara a filha, um arbusto muito alto, que logo se tornou rasteiro assim que ela se aproximou. Tratou da sepultura. Limpou o solo. A plantinha foi-se mostrando cada vez mais viçosa. Mais tarde, Kôkôtêró arrancou do solo a raiz da planta: era a mandioca..." (Artur Ramos INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA BRASILEIRA, p. 189 s.) — "Em tempos idos apareceu grávida a filha de um chefe selvagem, que residia nas imediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém. O chefe quis punir, no autor da desonra de sua filha, a ofensa que sofrera seu orgulho, e para saber quem ele era, empregou, debalde, rogos, ameaças e, por fim, castigos severos. Tanto diante dos rogos, como diante dos castigos, a moça permaneceu inflexível, dizendo que nunca tinha tido relações com homem algum. O chefe tinha deliberado matá-la, quando lhe apareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ela, efetivamente, era inocente e não tinha tido relações com homem. Passados os nove meses, deu à luz uma menina lindíssima e branca, causando este último fato surpresa, não só da tribo, como das nações vizinhas, que vieram visitar a criança, para ver aquela nova e desconhecida raça. A criança que teve o nome de Mani e que andava e falava precocemente, morreu ao cabo de um ano, sem ter adoecido e sem dar mostras de dor. Foi enterrada dentro da própria casa, onde era descoberta diariamente, sendo também diariamente regada a sua sepultura, segundo o costume do povo. Ao cabo de algum tempo brotou da cova uma planta, que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar. Cresceu, floresceu e deu frutos. Os

pássaros que comeram os frutos embriagaram-se e este fenômeno, desconhecido dos índios, aumentou-lhes a superstição pela planta. A terra afinal fendeu-se; cavaram-na e julgaram reconhecer, no fruto que encontraram, o corpo de Mani. Comeram-no e assim aprenderam a usar da mandioca. O fruto recebeu o nome de Mani-oca, que quer dizer: casa ou transformação de Mani, nome que conservamos corrompido na palavra mandioca, mas que os franceses conservam ainda sem corrupção" (Couto de Magalhães, O SELVAGEM, São Paulo, 1935, p. 167 e s. Colhemos as duas lendas em Walter F. Piazza, A MANDIOCA E A SUA FARINHA, Florianópolis, 1956, pp. 6 e 10.

- (65) Jensen, MYTHOS UND KULT... (v. nota 61), pp. 117 ss.; na tr. fr. pp. 107 ss.
- (66) *Ibid.* pp. 350 ss. (320 ss.)
- (67) *Ibid.*
- (68) *Ibid.* pp. 202 ss (188 ss.).
- (69) No ano seguinte ao da publicação de A ORIGEM MICÊNICA DA MITOLOGIA GREGA, Nilsson, em livro que intitulou HOMERO E MICENAS (HOMER AND MYCENAE, Lond. 1933), extraía tôdas as conseqüências que da sua tese resultavam para a filologia homérica. Ora, nesta obra, a que é devido alto preito de admiração, como dos mais esclarecedores de quantos problemas se enunciam acêrca da pré-história dos poemas homéricos, o autor já explorava as excitantes sugestões de outra grande descoberta. Referimo-nos aos trabalhos do norte-americano Milman Parry, que, em Paris, freqüentara a escola de Antoine Meillet, e desde 1929 estabelecera os fundamentos de todos os estudos ulteriores, sôbre a tradição oral da rapsódica e do *estilo formular* da epopéia primitiva. Os trabalhos de Milman Parry podem e devem ser considerados como valiosíssimo contributo da filolo-

gia clássica para a mais verossímil solução da celebrada *Questão Homérica*; porém, aqui, mais nos interessa relevar o que nas páginas do grande grecista de Harvard se encontra de harmoniosa complementação à tese de Nilsson. Com efeito, o jôgo das "fórmulas" épicas, portadoras de arcaísmos lingüísticos e culturais, deixa-nos claramente entrever o processo, mediante o qual, a mitologia e a lenda heróica, originadas em época micênica, haveriam transposto as idades obscuras do sub-micênico e do proto-geométrico, até se fixarem na tradição escrita, do século X em diante. — A aplicação dos métodos de Milman Parry ao texto de Hesíodo, resultou, há pouco, na descoberta de fórmulas que não são homéricas, ou melhor, teve por consequência mostrar que, sendo o estilo de Hesíodo tão *formular* como o de Homero, nem todas as fórmulas da TEOGONIA e dos TRABALHOS se deduzem do nosso texto da ILÍADA e da ODISSÉIA. Legítima ilação consistiria em atribuir as fórmulas especificamente hesiódicas a uma tradição grega-continental, distinta da tradição jônica dos Homéridas, ou então, em concluir que, na poesia de Hesíodo, as chamadas "fórmulas homéricas" não demonstram empréstimos diretos e, por conseguinte, onde quer que os dois poetas concordem, se tratará de decorrências de um tronco tradicional comum e anterior às migrações. A confirmar-se a hipótese, tanto mais subirá o índice de probabilidade a favor de intenso intercâmbio cultural entre a Grécia e o Oriente, na época micênica (v. nota 55 e as duas seguintes), e outro tanto abaixará o índice de probabilidade de um intercâmbio mais decisivo para a literatura épica, no período "orientalizante" e "fenício" (?) dos séculos que imediatamente precederam a época clássica. BIBLIOGRAFIA: Milman Parry, L'EPITHÈTE TRADITIONNELLE DANS HOMÈRE e LES FORMULES ET LA MÉTRIQUE D'HOMÈRE, Paris, 1928; STUDIES IN THE EPIC TECHNIQUE OF ORAL VERSE-MAKING, I. HOMER AND HOMERIC STYLE, II. THE HOMERIC LANGUAGE AS THE LANGUAGE OF AN ORAL POETRY,

Harvard Studies in Classical Philology, vol. 40 (1930) pp. 73-147, e 43 (1932) pp. 1-50. — Aplicação do método ao estilo de Hesíodo: James A. Notopoulos, HOMER, HESIOD AND THE ACHAEAN HERITAGE OF ORAL POETRY, *Hesperia*, vol. 29, 2 (1960) pp. 177-197.

- (70) Em 1953, um artigo do *Journal of Hellenic Studies*, assinado por Michael Ventris e John Chadwick, anunciava ao mundo que, finalmente, fôra decifrada a escrita *Linear B*, conhecida, havia meio século, por numerosas epígrafes de Cnosso, Micenas, Tebas e Orcômeno, e, desde o início da segunda guerra mundial, de Pilo. A história da decifração (cf. J. Chadwick, THE DECIPHERMENT OF LINEAR B, Cambridge, 1958, e Ventris/Chadwick, DOCUMENTS IN MYCENAEN GREEK, Cambridge, 1956, pp. 10 ss.) assinala-se por uma longa série de frustradas tentativas para resolver, através de métodos estatísticos, o enigma de uma língua desconhecida, expressa em sistema gráfico não menos desconhecido. Enfim, chegou a hora em que um jovem e genial amador, talvez porque, como amador, isento de muitos preconceitos "científicos", embaraçosos e inibitivos, pudessem proclamar que *já em grego se escrevia, no mundo minóico-micênico, desde, pelo menos, o século XVº a. C.* Passados sete anos, nem todos os problemas se acham satisfatoriamente resolvidos; e, entre os mais árdios, ainda são os da interpretação dos textos *já decifrados*. Mas a leitura da grandiosa "suma" dos conhecimentos adquiridos ao cabo de tão poucos anos de trabalho lúcido, não obstante o febril entusiasmo da descoberta, já permite tirar conclusões que abrem vastas perspectivas no horizonte da arqueologia e da história do Mediterrâneo Oriental, mórmente, da Grécia pré-dórica. A língua da *Linear B* é grega; disso não subsiste a menor dúvida. As incertezas apenas incidem na localização do idioma, no quadro da estratigrafia dialetal. O mais provável é que se trate de um precursor do árcado-cipriota, mas associado com típicos caracteres eólicos (cf. DOCUMENTS... pp. 74-75). Noutros termos, sob o ponto de vista lingüístico, as inscrições de Pilo e Cnosso cor-

respondem aos estratos mais antigos da epopéia, aos presumíveis inícios da tradição épica. Infelizmente, sob o ponto de vista cultural, estes testemunhos epigráficos não passam, no dizer de Chadwick, de documentos de uma burocracia (J. Chadwick, *UNE BUREUCRATIE PRÉ-HISTORIQUE*, *Diogenes*, 26, 1959). Escusado procurar entre elas algum exemplar de anais ou efemérides históricas, novelística ou poesia, sagrada ou profana, como é o caso das bibliotecas reais de Nínive, Mâri, Hatush e Ugarit (v. nota 55 e a seguinte). Não teriam os soberanos de Micenas outro interesse, senão o de fixar por escrito contas e inventários de bens materiais? Testemunho direto, em contrário, nenhum existe. Mas indiretamente há pelo menos três óbvias inferências, que apontam para a possibilidade de ter sido usada a escrita para fins menos interessados. A primeira é que as tabletas de Pilo e Cnosso parecem destinadas a somente servir de apontamento efêmero; e se muitas se conservaram, não foi porque se tivessem tomado as precauções necessárias (a mais elementar teria sido cozer a argila), mas tão só porque ficaram expostas ao incêndio que consumiu os palácios micênicos. A segunda é que a forma do silabário Linear B (como a do Linear A) não parece ter sido a mais própria ao fim a que o vemos aplicado: a escrita em argila. Com efeito, a curvatura e a complexidade de alguns sinais, opõem-se caracteristicamente ao breve e retilíneo tracejado, a que chegou, com toda a naturalidade de uma adaptação ao material, o estilo "cuneiforme" da antiquíssima pictografia mesopotâmica. E a terceira é que só a tradição oral talvez não basta para explicar os numerosíssimos paralelos que ultimamente se têm verificado entre as tradições épicas do Oriente e do Ocidente (v. nota seguinte). — Ainda que burocrática, todavia, ou talvez porque somente burocrática, a documentação em *Linear B* ministra preciosas informações acerca da vida econômica e social dos burgos micênicos, na época que imediatamente precedeu à grande Migração Egeica (Invasão dos Povos do Mar, v. nota

72). Primeiro vem a enorme diferenciação profissional, índice de um regime urbano superiormente organizado. As tabletas de Pilo e Cnosso mencionam pastores, caçadores, lenhadores, pedreiros, carpinteiros, construtores de navios, fabricantes de arcos, bronzeiros, alfaiates, balsamistas, ourives, médicos, etc., só que não se depreende claramente se o artesanato e as profissões se encontram obrigatoriamente adidos ao serviço dos palácios reais, ou se eram livremente exercidos. Quase certo parece ter sido o recrutamento forçado da mão de obra, por meio de "raids" ou compra em mercado externo. Quanto à organização social, não há dúvida que o conteúdo de muitas epígrafes poderia ilustrar quase todo o verso homérico que descreve ou alude à hierarquia dos chefes, na confederação argiva. Em todo o caso, a documentação filológica, fornecida pela *Linear B*, condiz admiravelmente com a conhecida documentação arqueológica. Nos séculos XIV e XIII, os burgos micênicos deviam constituir invejável presa para os bárbaros que ao norte se debruçavam, cubichosos, sobre o mediterrâneo (v. nota 72). — No que respeita à mitologia e à lenda heróica, acrescentemos que, dos textos epigráficos em *Linear B* constam muitos nomes de deuses e heróis, que conhecemos por documentos e monumentos de épocas históricas. Quanto aos deuses: Zeus, Here, Posedon, Ares (? Enyálios), Apolo (? Paiéon) Hermes, Atena, Artemis, Dioniso (dado a uma pessoa, não a uma divindade), Hefesto, Eileithya, Erínia, Demeter, "Todos os deuses". Quanto aos heróis: uma multidão de nomes, que o contexto dá como de gente comum, têm paralelo na *ILÍADA* e na *ODISSÉIA*. Citemos uns poucos, de entre os cinquenta e oito, alistados por Ventris e Chadwick (*DOCUMENTS*... pp. 104-105): Ajax, Anfiarau, Aquiles, Deucalião, Heitor, Orestes, Pirítoo, Tântalo, Tiestes. — Enfim, em recente trabalho de Miss Dorothea Gray (*MYCENAEAN NAMES IN HOMER*, *Journal of Hellenic Studies*, 1958, p. 47) vem consignada esta observação interessante: em numerosos grupos de pessoas, que em Homero andam associados pelo parentesco,

ou que intervêm nos mesmos episódios da lenda heróica, ocorrem os nomes que já se nos deparavam nas epígrafes micênicas, o que permite à autora projetar no passado os "ciclos" de Pilo, da Tessália, de Creta, de Tebas, etc. É claro que se trata aqui (e ocioso seria mencionar expressamente o intuito) de mais uma confirmação, pelos fecundos resultados da nova descoberta, da tese da origem micênica da mitologia grega.

- (71) Não é nova a pesquisa de influências orientais na civilização grega, e, para testemunhá-lo, basta evocar os excessos do "simbolismo" de Sainte-Croix (RECHERCHES HISTORIQUES SUR LES MYSTÈRES DU PAGANISME, Paris, 1784) e de Creuzer (SYMBOLIK UND MYTHOLOGIE DER ALTEN VÖLKER, BESONDERS DER GRIECHEN, Leipzig, 1810), contra os quais se ergueu a crítica ainda atual, de Lobeck (AGLAOPHAMUS SIVE DE THEOLOGIAE MYSTICAE GRAECORUM CAUSIS LIBRI III, Königsberg, 1829, reeditado em 1960), e o pan-babilonismo de triste memória. Só que, hoje, a hora é propícia ao reenunciado dos mesmos problemas e promissora de mais verídicas soluções. Acresce que são bem mais copiosos os dados, pois Ras Shamra e Boghaz-köy recentemente nos forneceram textos, com os quais os simbolistas e os pan-babilonistas nem sequer sonhavam; e se uns nos trazem novos elementos, outros nos sugerem a mais correta interpretação dos antigos. Na sua crítica a certa publicação holandêsa sobre a lenda dos *Sete contra Tebas*, Franz Dirlmeier (*Gnomon*, vol. 26, 1954, p. 151 ss.) já aponta, com referência ao livro em causa, a uma sua obra, anteriormente publicada (DER MYTHOS VON KÖNIG OEDIPUS, Mainz, 1948) e à ótima monografia de F. Brommer sobre a iconografia do ciclo de Héracles (HERAKLES, Münster, 1933), para o fato de o segundo e sexto trabalho do herói (Hidra de Lerna e Aves Estinfálicas) serem, certamente, empréstimos orientais, o mesmo se podendo afirmar de certos aspectos do mito de Édipo (o incesto, por exemplo, e, fora do argumento dos trágicos, o cérebro de Laio, devorado por Édipo, após

o parricídio) e, sobretudo, da enorme freqüência do número 7 na literatura mitográfica. No breve mas importantíssimo trabalho do filólogo germânico, já vem indicado o mais provável caminho da migração dos temas: da Mesopotâmia para o Hurri, do Hurri para o Hatti, do Hatti para a Fenícia (Ugarit! v. nota 55) e, finalmente, da Fenícia para a Grécia Micênica. É claro que este trajeto é o único documentado e, talvez, o único documentável, pelo menos, na sua parte asiática; mas, se acaso se provassem os contatos diretos dos Aqueus com os Hititas (v. *infra*, em apêndice a esta nota, O PROBLEMA DE AKHKHIJAWA), não seria de excluir a via anatólica, antes da Invasão dos Povos do Mar, ou, depois, dos Neo-Hititas para os Jônios, através da Lídia (cf. René Dussaud, PRELYDIENS, HITTITES ET ACHEENS, Paris, 1953). Mas, ponhamos de lado a hipótese anatólica e demoremo-nos na consideração da confirmada tese fenícia. O que ficou escrito (nota 55) acerca da civilização material e alguns aspectos da cultura espiritual, prolonga-se agora pelos especificamente literários, e escusamos de insistir *ad nauseam* no papel que Ugarit desempenhou na propagação das idéias orientais. De Boghaz-köy e Ras Shamra provêm grandes fragmentos cuneiformes de poemas épicos: da capital hitita, o *Poema de Kumarbi* (Realeza no Céu), — v. tradução inglesa de A. Goetz, em ANCIENT NEAR EASTERN TEXTS (v. nota 55), p. 120 — e o *Canto de Ullikummi* — tr. do mesmo, em A.N.E.T., p. 121 — e da grande cidade fenícia, o *Poema de Baal e Anat* — tradução ingl. de Ginsberg, em A.N.E.T. pp. 129 ss. Do argumento do primeiro, bastará dizer que lhe correspondem, na TEOGONIA de Hesíodo, alguns traços sumamente característicos, como a desvirilização de Urano, e a foice "adamantina", de lâmina dentada (*Th. v. 175*). Com a arma de Teshub, deus hurrítico-hitita da tempestade (lembremo-nos do Zeus Nepheligereta, em Homero) identifica-se o raio que dorme na alcova de Zeus (cf. Aesch. *Eumen. v. 827*). No segundo, observa-se outros paralelos: Illukummi—Tifeu,

Monte Hazzi—Monte Cássio, Apelluri—Atlas (no poema hitita e na *Odisséia*, Atlas “conhece as profundezas do mar”; a passagem homérica não tinha explicação até o achado do paralelo oriental) e, muito significativa, a idêntica concepção de que o sacrifício é o imprescindível alimento dos deuses. Os últimos paralelos mencionados, constam das belas páginas que A. Lesky (v. no fim desta nota) dedicou aos novos problemas sobre a pré-história oriental da epopéia, às quais remetemos o leitor que pretenda seguir em todos os pormenores a análise comparativa. — Com referência a um trabalho de Cyrus Gordon (*Amer. Journ. of Archaeology*, vol. 56, 1953), aceita Dirlmeier (HOMERISCHES EPOS UND ORIENT, *Rheinisches Museum für Philologie*, vol. 98, 1955, pp. 18-27) 12 das 15 “equações” propostas pelo sábio orientalista norte-americano; dessas 12, destacamos as que seguem: 1) a “gradação ascendente” (*steigerung*), como na *Iliada* (v. 860): a voz de Ares equivale ao alarido de nove ou dez mil guerreiros; o processo é freqüente nos poemas de Ugarit e Babilônia; 2) as lágrimas de deuses e heróis: choram Pátroclo (*I* 1. VIII 3) Keret (A.N.E.T. 143), Gilgamesh (ibid. 83), Afrodite (*Iliada*, XXI 493) e Anat (A.N.E.T. 153); 3) o arco é para os homens, para os guerreiros, não para as mulheres, ainda que divindades sejam, segundo as palavras de Telêmaco (*Od.* XXI 352) e do herói Aqhat (A.N.E.T. 152); 4) Na *Odisséia* (XX, 13) Homero compara o bater do coração de Ulisses com a cadela ladrando e saltando em redor dos filhos (imagem que não parece adequada à situação) e em A.N.E.T. 140, o coração de Anat é “como o de uma vaca por seus vitelinhos e de uma ovelha por seus cordeirinhos”. Mas alguns dos paralelos observados por Dirlmeier são muito mais impressionantes: 5) dos 33 hinos homéricos, 10 começam com a invocação das Musas: é um início especificamente grego; os restantes, porém, abrem com o nome da divindade em acusativo, seguido de “começo a contar”, ou “vou cantar”, e três dizem simplesmente: “Canto Here (ou Hermes, ou Ártemis)”, — eis o início que

se encontra também nos textos de Ugarit (UGARITIC LITERATURE, p. 63 e 65); 6) o tipo de súplica que consiste em começar lembrando os serviços prestados à divindade: compare-se, em Homero, *Iliada* I 39, com o *Vôo de Etana ao Céu* (A.N.E.T. 117, 68-77); 7) discurso direto, sem intróito: *Iliada* IV 303 e XXIII 855, discurso de Baal em A.N.E.T. 138; 8) personificação da peste, *Iliada* I 77 e U.L. 81; 9) o gosto de jogar com etimologias, por exemplo, na *Odisséia* I 62 (*odysseo*: *Odysseus*), cf. A.N.E.T. 37, notal 3; 62, nota 34; 63, nota 47; 69 nota 99; 10) a enigmática expressão “de um carvalho ou de um rochedo, na *Odisséia* XIX 163 e na *Iliada* XXI 126, encontra-se um U.L. 19, 20, 25, 27, e A.N.E.T. 136 (cf. Jeremias 2, 27); cenas típicas, como a da reflexão da divindade celeste (Zeus, E1) antes de aceder à súplica de uma deusa (Tétis, Anat): *Iliada* I 487 e A.N.E.T. 152; 12) animais exprimindo pensamentos humanos: Xanto, o cavalo de Aquiles, na *Iliada* XIX 408, e o touro Seri, falando com Teshub, na epopéia hitita (cf. H. Otten, NEUE FRAGMENTE... p. 6), — curioso notar que o poeta grego, por repulsa contra o fenômeno antinatural, cuida logo de fundamentá-lo: Here deu a Xanto a voz humana, mas as Erínias lh’a tiraram (um fragmento de Heráclito refere-se a tal função das Erínias: fr. 94 D. —K.); 13) há um “catálogo das naus” ugarítico, que é documento administrativo, para o qual Victor Burr chamou a atenção no seu estudo sobre o livro da *Iliada* (UNTERSUCHUNGEN ZUM HOMERISCHEN SCHIFFSKATALOG, *Klio*, 49, 1944); o trabalho foi severamente julgado, neste ponto, porque poemas homéricos e documentos administrativos são incomparáveis; mas na poesia ugarítica e mesopotâmica há muitos exemplos comparáveis ao catálogo homérico: em U. L. 6 e 32, à lista de palácios dos deuses; na lenda de Keret (U. L. 125), os “ecos de uma mobilização geral”, no dizer de Cyrus Gordon; na epopéia de Gilgamesh, 2/3 das 48 linhas que a relatam, constituem um “catálogo” (a propósito do “gosto” grego pelo catálogo, especialmente na epopéia,

lembramos as páginas que L. Radermacher lhe dedicou em seu livro MYTHOS UND SAGE BEI DEN GRIECHEN, München, 1938 (2ª ed.), pp. 137 ss.). Últimos paralelos registrados por Dirlmeier, dizem respeito às *Ilhas dos Beatos* e à *Nekyia*, e, pelo seu especial interesse, merecem fechar a relação: (14) O Elísio (Od. IV 561), que talvez seja a própria *Ilha dos Afortunados* (Hes. Erg. 171) é comparável à morada do deus El, seis vezes referida nos textos de Ugarit: A.N.E.T. 129, 133, 137, 139, 140, 152. Tanto o *Elísio* como a *Morada de El*, situam-se no Oceano (cf. Schaeffer, THE CUNEIFORM TEXTS... [cf. nota 55], que combina as tradições grega e oriental). A origem da tradição parece estar em Gilgamesh XI 193 (A.N.E.T. 95) onde Unapishtim declara que os deuses o mandaram habitar longe, na "embocadura da corrente", depois de Enlil haver dito que, tendo sido outrora um filho dos homens, agora será ele, Unapishtim, igual a um dos deuses. (15) Como se sabe, a catábase de Ulisses (*Nekyia*: Od. XI) provocou imensa bibliografia, não se decidindo a filologia homérica a optar decididamente por um destes extremos: pelo caráter espúrio (interpolação tardia), de modo que essencialmente inalterado ficaria o poema, sem a visão dos infernos, ou pelo caráter autêntico, inerente à composição poética original, ou até, como pretende um dos mais penetrantes estudos recentemente publicados (G. Germain, GENESE DE L'ODISSEE, Paris, 1954), verdadeiro fulcro de todo o conjunto das aventuras de Ulisses. Em todo o caso, parece que a primeira alternativa vale para o poema oriental: as tab. I-XI do poema de Gilgamesh formam uma unidade, e a XII (descida de Engidu aos infernos) seria inteiramente acessória, um inorgânico apêndice ao poema. Em resumo, o conteúdo da Tab. XII é o seguinte: (o princípio da Tab. XII ou o princípio da XI, só é conhecido desde 1938, graças à primeira tradução de S. N. Kramer): Gilgamesh havia prestado, outrora, certo serviço a Ishtar, e por isso a deusa recompensou o herói com a oferta de dois objetos mágicos (de difícil

identificação). Um dia, esses objetos caem aos infernos e Gilgamesh lastima-se da perda (neste ponto começa a XII Tab). Oferece-se Engidu para ir buscá-los e Gilgamesh aconselha o amigo sobre o caminho e as precauções, que deve tomar durante a viagem. Mas Engidu não obedece às prescrições, pelo que não pode regressar. Então o herói pede auxílio sucessivamente a dois deuses, que não o escutam, até que o terceiro, Ea, acede, dando a Nergal as ordens necessárias, e abre-se na terra uma bôca donde irrompe o vulto de Engidu "como uma lufada de vento". Os dois amigos abraçam-se e beijam-se, e travam um diálogo entrecortado de lágrimas e soluços, em que Gilgamesh pede a Engidu que lhe relate o que viu no Além. O amigo resiste à insistente súplica, e quando, por fim, acede, os versículos respondem sempre à pergunta: "Viste...?": — "Aquêlê que de morte súbita morreu, tu viste?" — "Sim, jaz no leito noturno e água pura bebe!" — "Aquêlê que em combate tombou, tu viste?" — "Sim, sobre ele, pai e mãe pranteiam!". E' evidente o paralelo com a *Nekyia* homérica; só que a Tab. XIIª, sendo tradução literal do sumeriano, antecede a catábase grega, pelo menos uns dez séculos. Dirlmeier conclui: Não sendo as catábases invenção recente (cf. Innin, Ishtar, Nergal e Ereshkigal, Baal, nos infernos) e tendo nós razões para crer na existência de uma *ponte* entre a Mesopotâmia e a Hélade, também as catábases a teriam atravessado. E depois: é possível demonstrar o caráter acessório da *Nekyia*, como se demonstra o do *Catálogo*, mas hoje há razões para acreditar que ambas as composições pertencem aos mais antigos constituintes da epopéia grega. — Outros elementos bibliográficos importantes, sobre as relações culturais da Grécia com o Oriente: W. F. Albright, SOME ORIENTAL GLOSSES TO THE HOMERIC PROBLEM, *American J. of Arch.* 54 (1950) pp. 162 ss.; A. Heubeck, MYTHOLOGISCHE VORSTELLUNGEN DES ALTEN ORIENTS IM ARCHÄISCHEN GRIECHENTUM, *Gymnasium*, 62 (1955) pp. 508 ss.; R. D. Barnett, ANCIENT ORIENTAL INFLUENCES ON AR-

CHAIK GREECE, em SS. Weinberg (ed.), *The Aegean and the Near East*, N. Y., 1956, pp. 126 ss.; sobretudo os dois títulos seguintes: Luisa A. Stella, *IL POEMA DI ULISSE*, Firenze, 1955, e T. B. L. Webster, *FROM MYCENAE TO HOMER. A STUDY IN EARLY GREEK LITERATURE AND ART*, London, 1958.

A QUESTÃO DE AKHKHIJAWA — Após longa e animada controvérsia, o problema de “Akhkhijawa” zona afinal de um acôrdo pacífico, baseado no tácito compromisso de não se insistir demasiado sôbre equivalências lingüísticas entre nomes conhecidos através da lenda heróica dos gregos, e nomes que constam das epígrafes cuneiformes de Boghaz-köy, e que, em vista da aparente semelhança, também *poderiam* ser gregos. A questão resume-se em poucas palavras. Documentos hititas falam dos “homens de Akhkhijawa” ou de “Akhkhija”, segundo E. Forrer (*LA DECOUVERTE DE LA GRÈCE MYCENIENNE DANS LES TEXTS CUNÉIFORMES DE L'EMPIRE HITTITE*, *Rev. des Études Grécques*, 1930, pp. 279 ss.) os Achaiwoi, ou Aqueus, com os quais Suppiluliuma e Mursillis II parecem ter mantido relações amistosas. Segue-se uma crise provocada por manobras equívocas de um tal Pijamaradus, súdito hitita, que age, talvez, sob instigação e proteção de Tawagalawa (Éteocleues = Etéocles? ou Deucalião?) de Milawanda, e, desde então, as relações entre a gente do Hatti e os homens de Akhkhijawa tornam-se cada vez mais hostis. Finalmente, no reinado de Tudhalija IV (após ou durante o qual, súbitamente, emudecem os anais de Boghaz-köy) vem um chamado Attarissijas (Atreu?) que chega a mobilizar 100 carros de guerra contra o soberano hitita. Como dizemos, o ponto nevrálgico do problema reside na identificação dos nomes próprios. Não só dos antropônimos (Akhkhijawa = Achaiwoi; Tawagalawas = Steworkleues; Attarissijas = Atreus; Alaksandus = Alexandros) como dos topônimos (Lukka = Lícia; Lazpas = Lesbos; Karkija = Cária; Taru | u | isha = Troia; Wilushhiia = Ilios), pois a geografia política dos Hititas está longe de completa elucidação. Mas, apartadas as aporias filológicas, sobram fatos

seguramente estabelecidos pelos textos cuneiformes de Boghaz-köy, e, em primeiro lugar, a certeza de que Akhkhijawa era povo navegador, cujas naus abordavam as costas do Amurru (Síria), e tão poderoso que um chefe, como Attarissijas, alinhava 100 carros de guerra contra o rei Hatti. Depois vêm as conjecturas. Mas, no conjectural, há o verossímil e o inverossímil. Verossímil é que, pelo menos na Cilícia, os Aqueus de Micenas não podem ter deixado de tomar contato com os Hititas, e o mais espantoso seria, como argutamente observa Dussaud (*PRELYDIENS...* cf. final da nota p. 76), que, “depois da forte ação exercida pelos Aqueus na Asia Menor, os textos hititas contemporâneos dêles não fizessem menção”. A verdade é que as poucas notícias acêrca dos Akhkhijawa, conhecidas pelos textos de Boghaz-köy, condizem maravilhosamente com o que por outro lado se sabe acêrca dos Micênicos; a intensa atividade comercial através dos mares, combinada, talvez, com operações terrestres que não andariam longe da pirataria organizada, — eis o que facilmente se depreende do material arqueológico, para a época que se segue à ruína da “Talassocracia Minóica”. A localização do império de Akhkhijawa está, evidentemente, sujeita às incertezas que pairam sôbre o mais: extremo oeste da Anatólia (região de Tróia) ilhas do Egeu (Creta, Rodes ou Chipre) e continente grego (Argólida), têm sido propostos, mas não há argumento irrefutável, enquanto insolutas permanecerem tantas questões de geografia hitita. Um recente trabalho de Cornelius (*Revue Hittite et Asiatique*, 16, 1958, pp. 1 ss.), que confirma antigas identificações de topônimos e propõe algumas inéditas (entre umas e outras interessa relevar: Milawata = Mileto; Wijanawanda = Oinoanda; Apasa = Éfeso; Paraiana = Priene; Wilusa = Ilios, Astarpa = Meandro), infere do material filológico a localização de Akhkhijawa na Panfilia. Certa concentração, nessa área, de achados de inequívoca proveniência, depõem a favor da hipótese. Mais não é possível dizer. Sôbre a questão, além do artigo de Forrer, acima citado, v. mais os seguintes: F. Somer, *DIE AKKIJAWA-URKUNDEN*, *Abhandlungen der*

Bayer, *Akad. der Wissenschaften*, N. F., VI, 1932; F. Schachermeyr, HETHITER UND ACHÆER, *Mitteilungen der Altorientalische Gesellschaft*, Leipzig IX 1/2, 1935; E. Cavaignac, LA QUESTION HITTITO-ACHÉENNE APRÈS LES DERNIÈRES PUBLICATIONS, *Bulletin de Correspondance Hellénique* 70 (1946) pp. 58 ss.; R. Dussaud, PRELYDIENS HITTITES ET ACHÉENS, Paris, 1953; K. Voelkl, ACHCHIAWA *La Nouvelle Clio*, 4 (1952) pp. 328 ss.; P. Kretschmer, ACHÆER IN KLEIN-ASIEN ZUR HETHITERZEIT, *Glotta*, 33 (1954) pp. 1 ss.; W. Schmidt, DIE ACHCHIAWA-URKUNDEN, *Das Altertum* 2 (1952), pp. 195 ss. Excelente resumo dos fatos, em O. R. Gurney, THE HITTITES (Penguin Books), 2ª ed. 1954, pp. 46 ss.

- (72) O problema das invasões dóricas não se resolve, hoje, tão simplesmente como se resolvia há vinte anos. Para o arqueólogo contemporâneo, a dificuldade reside em nada mais e nada menos do que achar *Dórios em algum lugar da Grécia pré-helênica*. Há que abandonar, portanto, a “velha história dramática de vigorosos nortenhos com longas espadas de ferro, de lâmina foliácea, abrindo a cutia das seu caminho através dos espadins de bronze dos exaustos guerreiros de Micenas; queimando os mortos, para horror de seus inimigos, que os inumavam, e bebendo a suas vitórias por taças “geométricas”, entre os aplausos das espôsas que fixavam seus “dóricos” vestidos com broches ou fíbulas. Como espectros destruidores, os Dórios não deixaram vestígios da sua chegada, e quando, muito mais tarde, emergem as grandes cidades dóricas, elas participam da cultura comum, que, na Ática, nunca sofrera interrupção... As “inovações” (dóricas, são, de fato, revivências de caminhos abertos no Antigo e Médio Heládico, que, nunca tinham sido abandonados pela gente comum” (Dorothea Gray, THE LAST DECADE, capítulo final do livro póstumo de Sir John Myres, HOMER AND HIS CRITICS, London, 1958). A confirmar-se esta paradoxal revolução nas nossas idéias acerca das invasões dóricas, haveria que atribuir exclusivamente aos “Povos do Mar”, à grande “Migração Egeica” do século

XIII a.C., a destruição e o abandono dos burgos micênicos, que se verificam fora da Ática. No estado atual dos nossos conhecimentos, a situação poderia ser descrita como segue. No quinto ano do reinado de Merneptah (1225-1215 a.C.), hordas de *Aqaiwasha*, *Turusha*, *Luqqa*, *Shardana*, associados com Líbios, procuram, em vão, desembarcar nas embocaduras do Nilo. Poucos anos depois, repele Ramsés III outra vaga de “Povos do norte do meio do mar”, embora a vitória lhe custe a perda da Síria, e comemora o feito nas inscrições do segundo pilone do templo de Medinet-Habu, situado na margem ocidental do Nilo, frente a Tebas. O texto menciona outros nomes: *prst*, os “pelishtin” dos hebreus, que deram seu nome à Palestina; os *drdn*, “dardanos”, provavelmente da Tróade; os *dnwn*, que nas fontes babilônicas figuram como “danuna”, estabelecidos na Síria, e nada mais tentador que ler “danaus” nos vocábulos egípcio e babilônico; e, mais uma vez, os *trs* (tw-rw-sz = turusha), nome que parece identificável com “tirsenos”, “tusci” ou “etruscos” (cf. Brandenstein, GRIECHISCHE SPRACHWISSENSCHAFT, I. Berlin, 1953, p. 21). Para o Egito, a invasão foi tentada pelo mar, das ilhas do Egeu e das costas da Síria; mas, por terra, até chegarem àquele ponto de partida, para o arranque final, o caminho dos bárbaros está arqueologicamente assinalado por camadas de resíduos de destruição e incêndio, desde o Helesponto e, passando pelo interior da Anatólia, através de Tróia, Hattush, Beicesultan, Mersin, Tarso, Alalach, Ugarit, Cadesh, Carquemish, Biblos, Meggido, Jericó. Algumas destas cidades das ruínas, ou, quando se recuperarem do golpe, os elementos culturais sobrepostos são inteiramente diversos do que eram antes; por exemplo, a chamada “cerâmica filistina”, constituída sobre tradições egeo-micênicas (cf. Albright, ARCHAEOLOGICAL PALESTINE). E’ também por essa época que se detêm os anais hititas, após o reinado de Tudhalias IV (v. nota precedente), sintoma da eminente queda do Império. O que vem depois é o reino dos Frígios, estreitamente afins aos Trácios, se não os mesmos Trácios. A inquietação propaga-se mais para orien-

te, pois, na própria Assíria, entre Tukulti-Nimurta (1243-1207) e Tiglat-Pileser I (ap. 1112-1074), nota-se considerável declínio de forças. Enorme catástrofe, por conseguinte, é a que desaba sobre grande parte do Mundo Antigo, no final do XIII século a.C., e nem a Grécia foi poupada: da Beócia à Messênia, as orgulhosas cidadelas do último período do Bronze (Tebas, Orcômeno, Corinto, Micenas, Tirinto, Pilo) foram completamente devastadas. Das mais importantes cidades, só Atenas resistiu. Fenômeno notável é que por quase toda região atingida pela invasão egeica se observa profunda alteração no ritual de sepultamento: pela primeira vez, no Mediterrâneo, os povos que sempre inumaram os seus mortos, passam agora a incinerá-los. Em redor de Hama (Cadesh) o cemitério é um verdadeiro "campo de urnas". Ora, é efetivamente aos portadores da cultura dos "campos de urnas" (*Urnenfelder*), que a arqueologia pré-histórica localiza na Europa central e ocidental, que se atribui o primeiro impulso das Invasões dos Povos do Mar, provocado, talvez, por longo período de seca. V. Vladimir Milojic em GROSSER HISTORISCHER WELTATLAS, *Erläuterungen*, I. *Vorgeschichte und Altertum* 2ª ed. München, 1954, pp. 42-43.

- (73) De um trabalho inédito do autor: MITOLOGIA GREGA E MITO PRÉ-HELÊNICO.
- (74) Karl Jaspers, VOM URSPRUNG UND ZIEL DER GESCHICHTE, München, 1950, p. 21; na versão castelhana (ORIGEM Y META DE LA HISTORIA, 2ª ed. Madrid, 1953) p. 9.
- (75) Ludwig Klages, DER GEIST ALS WIDERSACHER DER SEELE, I-III, Leipzig, 1932. Sobre o filósofo e a sua obra: Gustave Thibon. LA CIENCIA DEL CARATER, tr. castelhana de A. Guruchani, Buenos Aires s/d (1946), em especial, pp. 61 ss. A "reabilitação de Bachofen" a que nos referimos antes (nota 9), consta de VOM KOSMOGONISCHEN EROS, 4ª ed. Jena, 1941 (1ª, 1921), pp. 241 ss. e mais tarde, do III vol. da obra principal, DER GEIST... pp. 908-911. (Cf. nota 46).
- (76) v. nota 73.